

Diversidade Cultural



1ª edição/2025



Rede Sagrado
**COLÉGIO SAGRADO
CORÇÃO DE MARIA**
Sacré-Coeur de Marie

GAZETA
SAGRADOS

Sumário

3- Editorial

6- Investindo conhecimento

8- Esporte em dia

9- Descobrindo o passado

10- Ilustração

11- Resenha crítica

12- Radar internacional

16- Clube do Livro

18- Sagrado em confabulação

22- Estante literária

40- Gazeta dell'arte

42- Indicação da prof.a

43- Laços

44- Nossa equipe

EDITORIAL

POR: LUISA SAKAMOTO

Culturas que Con(vivem): Diversidade que Transforma

Em 2001, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) publicou a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, reconhecendo a diversidade cultural como um “bem tão necessário e intrínseco à sociedade como as plantas e os animais são à natureza”. Sendo assim, caro leitor, você já pode imaginar por qual caminho vamos seguir nesta edição Gazeta Sagrado.

Ao longo da história, quantas culturas já surgiram e desapareceram — ou melhor, foram incorporadas a outras, silenciadas ou esquecidas — e quantas ainda seguem emergindo todos os dias? Pense por um instante nas coisas que fazem parte da sua rotina: no último conteúdo aprendido na escola, na música que toca no seu fone, no celular em suas mãos. Do legado filosófico grego ao K-pop sul-coreano, do chip fabricado na China aos saberes dos seus antepassados africanos... não é incrível pensar em quantos povos vivem dentro de você? Somos uma mistura extraordinária de histórias, línguas, lutas e tradições e, pelo menos ao meu ver, isso é uma das coisas mais incríveis sobre cada um de nós. É o que nos faz humanos.

Mas quem disse que essa mistura sempre aconteceu de forma saudável? Ao falar de diversidade cultural, é impossível ignorar os séculos de subjugação, o legado colonial que marca a fundação do nosso país e, mais recentemente, a padronização global imposta pela indústria cultural, conforme dizem os sociólogos Adorno e Horkheimer. Somos moldados por preconceitos a todo instante. Às vezes, até sem perceber, julgamos religiões, sotaques ou roupas como “estranhos” ou “inferiores”, simplesmente por serem diferentes daquilo que conhecemos. Este é, talvez, o grande conflito da atualidade.

Muito se fala em paz mundial e no fim das guerras, mas isso continua parecendo algo distante e abstrato. De que adianta clamar por paz se, na prática, corroboramos com o preconceito todos os dias? A mesma pessoa que sonha com um mundo melhor pode ser aquela que faz piadas sobre a tecnologia chinesa ou lança olhares de julgamento para uma mulher que usa hijab (véu muçulmano). Chimamanda Adichie já dizia em sua palestra intitulada “O perigo da história única” sobre como ficamos cegos em relação a outros povos pela falta de conhecimentos e pela visão unidimensional das histórias que ouvimos a respeito do que ocorre em outros países, as quais não necessariamente correspondem à realidade, pois a história propagada sempre é contada pelos grupos dominantes.

Gostaria de mencionar, a fim de exemplificar a presença multicultural despercebida em nosso cotidiano, que, neste momento, escrevo no Brasil, usando uma blusa de um anime japonês, enquanto digito em um teclado fabricado na China, com componentes extraídos na África, conectado a um monitor sul-coreano. A convivência entre culturas está em tudo — mas será que realmente a compreendemos?

A impressão que tenho hoje, se quer saber, é que não. Todos sabemos que o mundo precisa de mudança urgentemente, mas não compreendemos a real dimensão. Se tiver dúvidas sobre isso, basta ligar a televisão e verá quantas guerras e desastres matam milhões diariamente. Mas o que podemos fazer por isso? Bem, vou te dizer que, honestamente, eu, como um mero indivíduo, não sei. Mas estou convicta de que não há mudança verdadeira enquanto formos movidos por intolerância, racismo, xenofobia ou indiferença. Nada mudará enquanto rirmos de piadas racistas, enquanto ignorarmos as dores de um povo apenas porque vivem em um “país distante”. Afinal, como disse o antropólogo Claude Lévi-Strauss, “o mundo começou a morrer no dia em que se acreditou que existia apenas uma única maneira de viver”. Se queremos um novo mundo, precisamos primeiro transformar a maneira como pensamos e sentimos o outro, e isso começa dentro de nós. Somente depois disso, é que poderemos trabalhar coletivamente em prol do nosso planeta.

Esse é o objetivo desta edição do *Gazeta Sagrado*. Desde o surgimento do conceito de “mídia”, os jornais são os principais meios de propagar ideias e promover um espaço de pensamento, estimular a troca de conhecimentos e opiniões e tentar alcançar, pelo menos um pouquinho, a mente de cada leitor. É nisso que acreditamos. Acreditamos que só há futuro possível se aprendermos a conviver plenamente com a bela diversidade — não apesar das diferenças, mas por causa delas. Como jovens, estudantes e cidadãos do mundo (não só do Brasil, mas do planeta Terra), sentimos a urgência dessa transformação.

Ao longo das próximas páginas, convidamos você a viajar conosco por diferentes modos de vida, mergulhar em outras culturas (e até no fundo do mar), revisitar o passado e refletir sobre o presente — tudo isso para que possamos imaginar um futuro mais justo, plural e respeitoso. Que esta edição seja um convite a enxergar o outro não como ameaça, mas como espelho. Afinal, temos mais em comum do que se imagina: somos todos humanos, não é mesmo?

Talvez, daqui a milhares de anos, nossa existência não será nada mais que um grão de areia na história da humanidade. Mas enquanto estivermos aqui, façamos a diferença e lutemos pelo mundo que sonhamos e merecemos ter. Desejo que sua leitura seja leve, rica e transformadora. Que você descubra um novo mundo em cada palavra escrita e pensada, com muito carinho, nesta edição.

Boa leitura!

Diversidade

Característica ou estado do que é diverso, diferente, diversificado; não semelhante, diverso, diferente, variado; variedade: a exposição (...)

Reunião do que contém vários e distintos aspectos, características ou tipos; pluralidade: a diversidade de comentários

Em tempo: a capa desta edição foi ilustrada por Sophia Freitas.

INVESTINDO CONHECIMENTO

Por: Francisco Costa de Matos

Nosso dinheiro não traz felicidade, mas traz LIBERDADE FINANCEIRA!

Para nós conseguirmos a tão sonhada liberdade financeira, precisamos investir com calma, procurar algum auxílio e – o mais importante – lembrar que nem todos os investimentos vão surtir rápidos resultados. Então, precisamos investir a longo prazo. Em um caso que uma pessoa está precisando de dinheiro urgentemente, um investimento não seria o ideal.

Reserva de emergência

Os imprevistos acontecem em todos os momentos. Por isso, a cada mês, podemos separar uma parte de nossa fonte de renda (mesada, salário e investimentos) para a reserva de emergência e para outros investimentos. A reserva de emergência serve para que, em momentos de imprevistos, possamos ter um dinheiro sobrando. Mas esse dinheiro tem que ser investido em lugares que não tenham um resgate mínimo. Investimentos que seriam bons são: CDB Liquidez Diária e LCI 275 dias.

Diversificar os investimentos

Para que a chance de perder dinheiro seja menor, precisamos diversificar os nossos investimentos, porque, se um falir, a perda do dinheiro será menor. Lembre-se, portanto, de diversificar as aplicações com prudência, pois fazer isso sem a devida ponderação pode resultar em investimentos ruins, arriscados e pouco lucrativos. Para variar nossa carteira, precisamos de pelo menos três investimentos diferentes. Tente colocar a mesma quantia em todos eles.

Rendimento

Para termos bons investimentos, precisamos prestar muita atenção nos juros que o nosso dinheiro vai render. Um bom resultado seria cerca de 10%-11,5% por ano, sem imposto de renda.

Imposto de Renda e IOR

Alguns investimentos têm impostos e, em alguns casos, muito altos. Antes de investirmos, precisamos verificar a porcentagem do imposto de renda, para evitar surpresas. Um exemplo de investimento que tem imposto de renda é o CDB Liquidez Diária, porém esse imposto é regressivo, isso significa que, quanto mais tempo seu dinheiro permanece investido, menor é o imposto. Todo imposto é sobre o lucro, e não sobre o valor investido! O IOR (Imposto sobre Operações Financeiras) tem um valor de quase 100% sobre o lucro até o 30º dia do investimento. A partir desse dia, ele se torna isento.

Prazo para rentabilidade

Precisamos nos atentar em relação ao prazo para a retirada do nosso dinheiro em cada investimento, pois cada um tem um tempo mínimo para retirada. Ex.: LCI/LCA 275 dias.

Ações/Renda Variável

As ações são diferentes da renda fixa e têm um mecanismo contrário, pois, enquanto a renda fixa é mais segura e os juros não mudam, as ações são mais imprevisíveis. As ações não têm um preço fixo e mudam todo dia. Os “juros” das ações são chamados de dividendos. Cada empresa pode ter um prazo diferente para fornecer os dividendos, podendo ser todo mês, todo trimestre ou todo ano.



Operários - Tarsila do Amaral

ESPORTE EM DIA

Por: Gustavo Alves

A diversidade cultural presente no futebol

A diversidade cultural está presente em todos os esportes, mas principalmente no futebol. Isso se deve ao fato de ele ser a atividade desportiva mais praticada do mundo por pessoas de vários países.

A cultura interfere diretamente na forma de jogar dos atletas. Um exemplo é o jogador Vinicius Júnior, que teve seu estilo de drible apelidado de “samba style”. “Sei sambar um pouco, sei dançar funk um pouco, e isso acaba ajudando nos movimentos. Acabo passando um pouco da alegria para os dribles no campo. Desde pequeno, sempre gostei muito de funk, sempre fui um bom dançarino.”, afirmou em entrevista.

Mas, infelizmente, essa mesma dança fez Vinicius ser alvo de racismo. Em 2022, o empresário Pedro Bravo deu uma entrevista ao programa El Chiringuito de Jugones (atração de debate futebolístico da emissora espanhola Mega) e disse que Vinicius deveria parar de “fazer macaquice” (referindo-se às suas danças).

Um dos problemas no futebol é a falta de conhecimento das pessoas sobre outras culturas, o que pode resultar em situações constrangedoras. Exemplo disso ocorreu com o jogador muçulmano Mohamed Salah. No dia 27 de abril, ele estava comemorando o título da Premier League quando seu companheiro de equipe, Darwin Núñez, jogou champanhe sobre ele. Como Salah é muçulmano, ele não pode ingerir bebidas alcoólicas.

Por esses e mais casos, é importante que torcedores, jogadores e profissionais do esporte sejam respeitosos com todos. Dessa forma, de pouco em pouco, o campo vai se tornando cada vez mais pacífico e diverso.

Descobrimos o passado

Dr. Bernardo Farias

Liberdade e cultura: da abolição à diversidade

Em 1888, foi assinada uma lei que ficou conhecida como Lei Áurea. Com ela, foi oficialmente extinta a escravidão no Brasil. Apesar de a ideia ser uma maravilha, alguns problemas como o preconceito e a dificuldade em conseguir um trabalho se tornaram comuns para os ex-escravizados, que não tinham dinheiro e se encontravam sem local para onde ir.

Vamos imaginar que você seja uma pessoa escravizada no período da abolição e tenha sido liberada do campo (embora saibamos que muitas nem liberadas eram), para onde iria? Sem ter para onde ir, sem dinheiro e sem família, quase todos os ex-cativos precisavam morar nos quilombos. Lá, criavam costumes para mostrar sua identidade ao mundo.

Antes de serem libertos da escravidão, criaram diferentes práticas pertencentes ao seu povo como forma de luta para se defender e preservar a cultura. Assim, temos as danças típicas, as condutas religiosas, as refeições típicas, as músicas, entre diversas outras formas culturais.

Isso interferiu diretamente na cultura brasileira atual, em que temos a capoeira, as religiões como candomblé e umbanda, pratos como a feijoada, o acarajé, a canjica, o cuscuz, entre tantos outros. Portanto, essa rica diversidade, junto com outras culturas do mundo todo, faz parte dos nossos costumes e segue interferindo diretamente em nosso cotidiano.



Foto do dia 13 de maio de 1888, dia da abolição da escravidão.

Fonte:

<https://antigo.bn.gov.br/acontece/noticias/2015/05/13-maio-1888-dia-abolicao-escravatura>

Representatividade cultural

Por: Sophia Freitas



A representatividade cultural é influenciada pela história da colonização, como Portugal e Espanha na América do Sul. Esse processo impactou os elementos culturais das populações locais, afetando a forma como vemos seus costumes. Animais simbólicos também são partes importantes, pois refletem valores espirituais, sociais e ambientais.

LÉGUAS SUBMARINAS

POR: LUCIANA LOPES



Ilustração: Helena Braga

A obra "Vinte mil léguas submarinas" narra uma expedição enviada pelas autoridades de vários lugares do mundo em busca de um gigantesco monstro que estaria assombrando as águas do Pacífico. Diante desse mistério, o professor Aronnx e seus companheiros embarcam em uma aventura que desafia a razão e a realidade.

O francês Júlio Verne é o autor da obra original (*Vingt mille lieues sous les mers*), mas a versão analisada foi a traduzida e adaptada pelo brasileiro Waleyr Carrasco. As ilustrações dessa ficção científica foram feitas por Weberson Santiago. A edição foi publicada pela editora Moderna em 2012, na série Clássicos Universais.

O enredo é extremamente fantástico ao retratar a vida no mar de forma encantadora e misteriosa, desafiando a compreensão humana e até as leis da física em vários momentos, como durante a caçada na floresta submarina, em que eles utilizam equipamentos que não resistiriam às condições do local. O texto foi bem formulado e a interação entre os personagens é bastante divertida. Assim como os outros livros da coleção, ele possui uma arte deslumbrante e apresenta um incrível clássico da literatura.

Esse romance é bem avaliado e também é muito recomendado para aqueles que se interessam pelos segredos da vida marinha, bem como para aqueles que gostam de mistérios e de engenharia.

Radar internacional

Por: Lucas Medeiros



Novo mapa marítimo do Brasil

ONU aprovou a expansão do território marítimo brasileiro no dia 26 de março de 2025.

Em fevereiro deste ano, membros do Plano de Levantamento da Plataforma Continental Brasileira (LEPLAC) participaram da 63ª Sessão da Comissão de Limites da Plataforma Continental (CLPC), em Nova Iorque (EUA). No dia 26 de março, a ONU publicou uma resolução que reconhece a ampliação do território marítimo brasileiro em 360.000km², praticamente o território da Alemanha (o qual corresponde a 358.000 km²), em uma região que se estende da foz do Rio Oiapoque (AP) ao litoral do Rio Grande do Norte.

Segundo a Agência Gov, com o aumento do nosso território marítimo, o Brasil passa a ter direito de explorar riquezas do solo e do subsolo marinho. Nessa lógica, percebe-se um interesse crescente de encontrar novas reservas de petróleo na expansão de 200 milhas marítimas pela Petrobras, visto que cerca de 95% do petróleo nacional é extraído nas águas jurisdicionais brasileiras e por onde também trafega 95% do comércio exterior do país. Assim, esse aumento territorial dos mares pode vir a se tornar importante para o desenvolvimento econômico brasileiro.

DISPUTAS DE INFLUÊNCIA NO BRASIL E NA AMÉRICA LATINA

China, Estados Unidos da América (EUA) e União Europeia (UE) disputam suas zonas de influências na América Latina.

Documentos europeus obtidos pelo UOL revelam que China, EUA e UE não disfarçam ambição pela região do continente americano e temem perder influência pelos seus concorrentes. De acordo com o canal midiático UOL, a China vem ganhando influência a partir do fórum Celac (China-Comunidade dos Estados da América Latina e do Caribe), isto é, uma plataforma de cooperação política, econômica e social entre China, Caribe e os países da América Latina.

Além disso, o presidente da China visitou, entre 2013 e 2024, a região mais vezes do que os presidentes Obama, Trump e Biden juntos. Em resposta, o governo estadunidense, em uma visita ao canal do Panamá, disse “que iriam recuperar o quintal deles” e tomou medidas que países da América Latina consideram como “não amistosas”. Por exemplo, os EUA suspenderam muitos de seus programas de assistência externa, deportaram migrantes de volta para a Colômbia, afirmaram que retomariam o Canal do Panamá, alegando que ele era operado pela China, e impuseram mais tarifas comerciais.

Diante desse cenário, a UE volta às negociações no que tange a um acordo com o Mercosul, pois afirma “que a América Latina e o Mercosul são mais estratégicos do que nunca”, por ser uma região que dispõe de muita matéria-prima e potencial econômico.





O Brasil e o Novo Horizonte da Amazônia Azul

Em 2004, o Brasil enviou um pedido para a ONU buscando expansão de sua plataforma continental na margem equatorial e, mais tarde, em 2017, entregou um complemento de suas pesquisas para essa expansão até que, enfim, em março de 2025, foi reconhecido, tendo então uma ampliação de 360 mil Km² na Amazônia Azul. Esse novo território traz diversos benefícios para a economia brasileira, visto que o país ganhou direito sobre o solo e o subsolo do mar, podendo explorar petróleo, gás natural e minerais, além dos impactos geopolíticos que podem ser causados devido à jurisdição limitada do Brasil sobre a área. Então, vamos falar como essa nova parte do país terá grande influência na nação futuramente, assim como as tensões que ela pode trazer.

Antes de começar a aprofundar no assunto, vamos entender alguns termos e conceitos primeiro. Quando estamos falando de mar, temos quatro diferentes tipos de limites estabelecidos: o mar territorial, o qual se estende até 12 milhas náuticas (22,2 Km) a partir da costa, faz parte do território do Brasil; assim, o Estado tem total soberania sobre essa porção. Além disso, há a Zona Econômica Exclusiva (ZEE), que vai até 200 milhas náuticas (370 Km); nela, o Estado tem direitos exclusivos de exploração econômica, mas não soberania total. O conceito de águas internacionais diz que, depois de 200 milhas náuticas, nenhum país pode reivindicar soberania. E por fim, uma Plataforma Continental Estendida, além das 200 milhas, se reconhecida pela ONU, significa que o país tem direitos sobre o solo e o subsolo do fundo marinho, mas não sobre as águas acima. O último é o de maior relevância para o assunto a seguir.

A nova área, que tem tamanho equivalente à Alemanha, ainda não está sendo utilizada para nenhuma atividade de exploração, já que sua aprovação é muito recente. Por isso, no momento, essa região não é o foco da Petrobras, mas, a longo prazo, pode vir a ser e receber campos de pesquisa para análise do subsolo devido à sua grande extensão e proximidade da Amazônia, tendo em vista que, com o deságue do rio Amazonas, apresenta uma biodiversidade rica e uma maior chance de se acharem recursos como petróleo na margem equatorial. O Estado já está fazendo o pedido de autorização ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) para que a exploração seja feita o mais breve possível.

A demora da Comissão de Limites da Plataforma Continental (CLPC) para permitir a ampliação da plataforma continental brasileira vem devido aos possíveis impactos geopolíticos que esse local poderia trazer. Ao aumentar seu território marítimo, o Brasil consequentemente aumentou a sua influência marítima, o que reforça sua posição estratégica no Atlântico Sul. Há, assim, maior necessidade de investir na vigilância e na presença militar, com o objetivo de proteger instalações de petróleo, já que não seria permitido impedir a passagem de embarcações estrangeiras. Esse investimento não satisfaz outras nações, devido ao interesse nos recursos naturais presentes na região, gerando uma certa resistência ao fato de a área ser agora território brasileiro.

Ademais, a exploração de recursos como petróleo, gás natural e minerais levaria a problemas ambientais, principalmente devido à proximidade com a Amazônia, já que possíveis vazamentos de petróleo e descartes irresponsáveis de materiais usados para as escavações poderia prejudicar a biodiversidade, por causa da sensível ecologia local. Logo, o Estado poderia ser pressionado por ONGs ou outras nações a tomar certas medidas sobre o assunto e, visto que o Brasil tem jurisdição limitada, seria possível ter maior monitoramento dessas problemáticas, além de outras formas de soluções que poderiam ser encontradas em movimentos contra essas causas ameaçadoras da biologia regional.

Por: Liz Fernandes

Clube do Livro CSCM

Livros, passaportes garantidos à emoção, levam-nos a novos mundos onde temos que desvendar mistérios, praticar a magia e encontrar o amor. Por mais que sejam fictícios, são reflexos da realidade, tocando-nos, fazendo-nos imaginar e pensar em mudança.

No mundo conturbado de hoje, a leitura é cada vez mais desvalorizada. Por isso, o Colégio Sagrado Coração de Maria de Brasília criou uma plataforma para que novas pessoas virem leitoras e que o amor pela leitura seja cada vez mais fortalecido.

O projeto é desenvolvido para os alunos a partir do 7º Ano do Ensino Fundamental, sendo mediado pela professora Brenda Valadão. A cada mês, é escolhido pelo grupo um livro diferente, abrangendo desde obras clássicas até as mais atuais. Estas são discutidas e abordadas nos encontros, nos quais podemos mostrar nosso ponto de vista e nossa opinião.

O Clube do Livro é o lugar perfeito para quem quer enriquecer o vocabulário, aumentar o conhecimento, se divertir e conhecer mais pessoas que, assim como você, pertencem a um lugar imaginário.



Resenha crítica da obra *Orgulho e preconceito*, de Jane Austen

Será possível encontrar o amor verdadeiro, mesmo em épocas em que o casamento serve principalmente como conveniência? Publicado pela primeira vez em 1813, o livro "Orgulho e preconceito", de Jane Austen, trata exatamente disso.

A história roda em torno das irmãs da família Bennet (a bela Jane, a sensata Elizabeth, a culta Mary, a desvairada Lydia e a imatura Kitty), que viviam no interior da Inglaterra, no século XVII.

Quando um jovem rico e solteiro chega à cidade, a mãe só pensa em um casamento vantajoso para uma de suas filhas, já que, nessa época, toda a herança da família iria para o parente homem mais velho, que neste caso era um primo distante. A trama retrata a imagem que temos à primeira vista das pessoas e prova que nem tudo é o que parece.

Jane Austen era uma mulher jovem quando escreveu "Orgulho e preconceito". Ela teve que passar por muitos obstáculos para conseguir publicá-lo, uma vez que ele foi recusado pela editora, provavelmente por conter críticas sociais, ironias, protagonismo feminino e ideias à frente de seu tempo. Ironicamente, apesar de escrever romances, Jane nunca se casou, pois pensava que pior que viver sozinha seria se casar sem amor.

Recomendo esse livro para pessoas a partir de 12 anos, pois crianças menores podem não entender a complexidade da trama. É uma ótima leitura, leve e bem-humorada. Amei que a história se passa em outro contexto histórico; dessa forma, podemos perceber a mudança de costumes e crenças ao longo do tempo. Além disso, a obra traz uma reflexão sobre como nosso próprio orgulho pode interferir no julgamento que temos das pessoas a nossa volta e que o amor pode surgir nos casos mais improváveis.

"A distância não é nada quando se tem um bom motivo"
Jane Austen, "Orgulho e Preconceito"



Por: Tessa Leandro

Carnaval e Fantasia

Sagrado comemora carnaval com festa e alegria

No dia 27 de março de 2025, os estudantes do Colégio Sagrado Coração de Maria em Brasília celebraram o Carnaval de forma animada e divertida. Nessa data, eles puderam se fantasiar, o que resultou em vários figurinos criativos. Foi usado o período do intervalo para confraternizar com colegas e professores em um ambiente divertido e carnavalesco.

Alunos de diversas séries fizeram uma roda no intervalo para dançar e curtir as músicas que embalam a festa. Todos celebraram com alegria, deixando um clima leve e descontraído, comparado aos dias habituais do colégio.

A comemoração deixou lembranças especiais e destacou o valor de momentos coletivos como esse, que fortalecem laços e promovem um ambiente mais acolhedor na escola. Logo, vemos que o carnaval no Sagrado deste ano mostrou que celebrar juntos também é uma forma de aprender e crescer em conjunto.



Intervalo Cultural

Cultura e arte no CSCM de Brasília

No dia 2 de abril de 2025, aconteceu o primeiro Intervalo Cultural no Colégio Sagrado Coração de Maria em Brasília, projeto que foi inaugurado neste ano, promovido pela Pastoral Escolar. Tal proposta teve como objetivo dar espaço para a cultura e a arte, que estão presentes no nosso cotidiano, serem expressadas de uma forma mais intensa e cativante por meio de apresentações durante os intervalos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

O acontecimento foi composto por performances de ex-alunos da escola, em que foram apresentadas danças, música, desfile, instrumentos, discursos... tudo ao vivo para os estudantes. Isso trouxe cor e movimento para o período da recreação, conseguindo demonstrar lados artísticos e culturais de uma forma encantadora.

O evento foi visto como um sucesso, visto que promoveu a criatividade e a cultura para quem estava assistindo. Planos futuros indicam que haverá mais recreios culturais no colégio, reforçando a importância de iniciativas que valorizam a expressão artística no ambiente escolar e abrindo caminho para que novos talentos possam se revelar e se desenvolver em futuras edições.





Fotografia: Henrique Machado

Branca de Nere: herança e modernidade

Por: Sophia Barbalho

Os contos de fadas carregam consigo os valores morais que ditam, até hoje a vivência, principalmente ocidental. Assim, as histórias das princesas e das bruxas sustentam seu caráter didático e moralizador por seguirem, com seu papel de passar adiante os princípios da comunidade onde está inserida. Nesse contexto, o misticismo que engloba os elementos dessas fábulas se faz enquanto uma ferramenta de narrativa usada há tempos pelas contadoras de histórias para passar adiante os conceitos básicos para aquela sociedade e preparar a juventude para o futuro.

No entanto, é evidente que essas qualidades se alteram, progredindo junto com as transformações da comunidade, ou seja, podem deixar de retratar o que deve ser, a cada geração, transmitido como ideal. Assim, essas representações também acabam por se transfigurar, a fim de se manterem refletindo esses valores. Por conta disso, as adaptações são cruciais para preservar as crenças que são descritas nessas histórias, que, em seu âmago, guardam um significado próximo. Considerando isso, a adaptação é essencial para o folclore seguir com sua referância cultural.

Nesse contexto, a *Branca de Nere*, que descrevia a realidade alemã, estendeu-se muito além de suas fronteiras, popularizando-se ao longo da Europa. Não obstante, sua extensão não se resumiu a apenas um continente: com o processo de globalização, essas lendas ganharam grande palco no meio midiático e passaram a se tornar conhecidas ao longo de todo o mundo.

Considerando isso, o texto-base dessa narrativa passou por diversas alterações, considerando as questões econômicas, culturais, políticas e até mesmo pessoais de quem as fizesse na prática.

Por conta disso, entre outras questões, a ideia de uma boa-moça pura e inatingível que rodeia o conceito inicial da princesa fez com que esse conto, até certo ponto, mundial, passasse por incontáveis ajustes para se encaixar nos ideais de mulher louvável a depender das condições supracitadas. Dessa forma, Nina Cox nos apresenta um texto que possui as variações da história considerando seu ponto de vista e suas vivências, tornando-o mais palpável para a realidade moderna e aproximando a protagonista de novas normas: a busca por independência e capacidade de resolução. Todavia, mantendo as ideias de bem e mal e aquele sentimento de proximidade com um enredo tão marcante.

Uma menina nada envenenada

Por: Nina Cox

Era uma vez uma menina chamada Chloé. Era gente boa e amava ler. Queria saber sobre tudo, por isso, muito nova, já havia adquirido muito conhecimento. Tinha 12 anos de idade, olhos castanhos, cabelos dourados e usava um lindo vestido verde. Sua marca registrada era uma pintinha em formato de coração.

Tinha um cachorrinho chamado Snoopy, da raça Jack Russell, que sempre andava com ela. E uma vizinha — uma velha chata. Desde que se mudou para sua nova casa, a mulher ficava pegando no seu pé. Chloé tinha certeza de que ela era uma bruxa.

Um dia, estava lendo — e com o maior gosto — um livro de mistério da Agatha Christie, em cima de sua árvore favorita no quintal, quando a idosa se aproximou e disse com um sorriso malicioso:

— Minha jovem, trago esta maçã vermelha de meu pomar para você. Coma, está doce e suculenta.

Chloé, educadamente, respondeu:

— É muita gentileza sua, mas gosto é de maçã verde.

A velha saiu resmungando algo. No dia seguinte, voltou e ofereceu, agora, uma maçã verde. Mas a menina respondeu:

— Que gentileza sua, mas hoje enjoei de maçã verde. Gosto é de maçã amarela.

A velha saiu resmungando. No dia seguinte, levou maçã amarela. Mas Cíloe negou novamente:

— Minha garganta está seca, não posso comer isso. Obrigada pela gentileza, mas gosto é de suco de maçã.

E no dia seguinte, adivinha? Lá estava a velha com uma caixinha de suco de maçã.

Mas Cíloe, esperta, disse:

— Desculpe, só tomo suco natural.

A velhota ficou vermelha de rair e foi embora. No dia seguinte, a velha voltou com um copo de suco de maçã. A menina já estava cansada dessa patançada, e o cachorro já rosnava para aquela roró mal-encarada. A jovem poupou tempo e foi logo arisando:

— Nem adianta. Obrigada pela educação, mas só tomo suco de uva.

A velha quase deu um troço, mas foi embora. No outro dia, ela levou um suco natural de uva. Cíloe agradeceu:

— Que gentileza, mas eu gosto de torta de maçã para acompanhar.

Das orelhas e do nariz da mulher começaram a sair fumaça, e ela estremeceu:

— Amanhã trarei o suco de uva e a torta de maçã. Se não comer, vai rer!

E saiu batendo o pé. Cíloe ligou para a polícia, explicou que achava que a velha queria envenená-la e pediu que viessem no dia seguinte ajudá-la. Eles acharam que era bobeira, mas acabaram aceitando.

No dia seguinte, a velha chegou com a torta e o suco, e Cíloe a convidou para entrar. Então, enquanto partia a torta, a alegre menina disse:

— Preciso que prove a torta primeiro.

A mulher ficou com cara de medo. Depois de muita insistência, provou a torta e desmaiou. Os policiais, que assistiam a tudo disfarçados, prenderam a velhota por tentativa de envenenamento. E Cploe foi feliz para sempre, bem longe daquela bruxa — digo, daquela vizinha maluca.

Pingos de Mar

Por: Sophia Barbalho

Capítulo 1: E se houver sentido?

Cá estou eu de novo, em águas que nem sou capaz de explicar. Mas a culpa não é minha, algo além da minha compreensão me chama: a magia envolvente do desconhecido. Ao longo da história, vários como eu foram encantados pelo movimento sobrenatural e envolvente de sair da região costeira. Muitos morreram e tiveram como causa explicações celestiais dadas por aqueles que esperavam um retorno irreal à terra natal. Outros que foram suficientes para alcançar solos nunca antes vistos por eles voltaram como heróis. Já alguns se perdiam na imensidão do distante, sendo sua posição irreconhecível em meio ao azul mais puro. Eu sou um desses.

Agora que fui devidamente apresentado aos mais novos ovrintes dos meus delírios, sintam-se todos muito bem-vindos aos devaneios de um marinheiro perdido. Não sei ao certo desde quando estou “aqui”, muito menos até quando continuarei vivendo o terror dessa eterna dúvida. No entanto, o que mais me assusta é não ter ideia de se estou no

mesmo mundo que nasci, cresci e me apaixonei por essa maldição que chamáramos lá de oceano. O que vou narrar aqui pode parecer completamente inventado, mas podem ter certeza que, se realmente for loucura, estarei muito mais tranquilo do que se for verdade. Imagino agora como seria incrível acordar na minha antiga casa e descobrir que foi tudo um grande pesadelo, não passando de pura ficção.

Enfim, essa minha perplexidade nasceu com o fato de que, um dia, todos aqueles que me acompanharam até então na nossa expedição fracassada desapareceram. Isso me gerou muito desespero nos primeiros anos, mas não tanto quanto quando eu percebi que os alimentos da minha embarcação já haviam se findado há anos e eu simplesmente não morria. Pode parecer incrível ser imortal, se posso dizer assim, não obstante, essa minha experiência única me fez notar que a eternidade não anula a solidão perpétua, mas a promove e a transforma em rotineira. Na realidade, não existe rotina, porque não há nada que fazer além de apreciar a beleza que é a minha maior condenação: as águas salgadas.

Às vezes, questiono-me se uma espécie de portal se abriu para que eu soubesse do meu planeta antigo, porque, provavelmente, já naveguei durante séculos e nunca vi uma porção de terra desde que sai para desbravar o inexplorável, um sonho que se tornou minha praga irreversível. Sem embargo, nunca avistei nada que fugisse da normalidade que não fosse eu. Talvez a fome tenha me consumido a ponto de me tornar incapaz de distinguir a passagem dos dias e eu esteja à beira da morte. De qualquer forma, nesses questionamentos que presumivelmente já me fiz algumas centenas de vezes, mais um dia

o breu completo toma conta da minha visão. Nessas ocasiões, não tenho muito o que fazer além de ir para o meu quarto e me debruçar sobre minha cama.

Apesar dessa minha facilidade em dormir, não consigo parar de pensar em todas as possibilidades do que poderia ter sido minha vida. E se eu nunca tivesse visto o mar? Certamente teria continuado na aldeia da minha família, nunca fui alguém grandioso ou revolucionário, apenas um obcecado como qualquer outro que daria tudo de si pelo que ama. Hipoteticamente poderia ter me apaixonado por alguém, que seria meu novo vício e que nunca me permitiria sumir em meio ao infundável. Teria uma vida comum e nunca precisaria cogitar nada disso. Entretanto, o anil mais límpido me hipnotizou como uma sereia macabra. Cai nesse canto mais formoso que tive a sorte de ouvir e fui arrastado para me tornar constituinte permanente dessa farsa cativante. E, estou no lugar certo: lugar nenhum.

Com a minha única convicção em mente, acho que ver o amor da minha vida, mesmo que não possa enxergar nada, é a decisão mais sábia a se tomar. Dessa forma, sou obrigado a usar as forças que não me esgotaram por puro destino para agradecer minha musa. Vê-la sempre é como se fosse a primeira vez, quando era apenas uma criança e amara a sensação de sentir as idas e vindas da maré. Dá para notar que estou me aproximando de uma área rochosa pela forma que a água está se portando, mas não irei pegar a roda do leme, prefiro continuar aqui, ouvir o som da água indo contra o meu barco e

encantador, menos quando emerge dela uma espécie de serpente gigante bizarra que me assombra há milênios, quem sabe.

Ah, acho que não comentei: tem um tipo de monstro marinho que me persegue desde que todos sumiram. Não sei seu nome, sua origem, sua natureza ou sua motivação, apenas que aparenta ser perigoso por seu tamanho colossal e seus sons grotescamente emitidos. Não compreendo até hoje o que fiz para merecer tamanho desgosto de uma criatura desse calibre, que poderia muito bem gastar seu valioso tempo em algo mais importante como destruir civilizações ou tornar-se um deus ditador para os mortais, não sei ao certo o que esses animais gostam de fazer.

Tem a possibilidade de eles gostarem de uma vida tranquila assim como eu. Eventualmente, pode existir uma sociedade secreta dessas grandiosas “serpentes marinhas”. Quisá ele tenha sido rejeitado de lá, daria um bom livro. Ou até “ele” daria um bom escritor, deve ter visto uma variedade riquíssima das profundezas oceânicas até a superfície das águas. Ah, caso ele não seja alfabetizado, alguém poderia escrever para ele. Ou até ele poderia passar seus conhecimentos pela oralidade, como um ancião. Esses seres, provavelmente ancestrais, devem reter uma sabedoria inimaginável. Caso contrário, também dariam bons charlatões por conta de sua aparência assustadora que remonta de períodos primordiais, ou algo do gênero. De qualquer forma, acho que ele quer me atacar ou coisa assim. Se for para acabar dessa maneira, que seja, a vida que vivi até aqui foi boa, refleti bastante e tirei a oportunidade de conhecer muitas belezas que só anos em uma embarcação podem oferecer.

Ao passo que refletia sobre isso, vi-o balançar-se de uma forma estranha, rodeando meu navio, como as cobras fazem. Ele foi girando como uma espiral da morte até destruí-lo completamente — e lá se vão todos os meus diários de bordo que gastei tanto tempo, dedicação e ideias para escrever e guardava como meus troféus absolutos e inigualáveis.

Escuridão total é tudo que meus olhos captam agora. Parece que um “duelo” travado contra mim sem meu consentimento se finda. Imagino que meus gritos e lágrimas se percam no meio de tanta água que não deve nem valer a pena fugir da aceitação. Meu corpo está pesado, mas ao mesmo tempo se movendo de uma forma circular incompreensível que está me fazendo perder as forças. Meu corpo está leve e pesado ao mesmo tempo de uma forma que eu mal consigo me mover. Minhas pupilas estão se fechando e ficando cada vez mais pesadas. Deve ser essa a sensação do fim.

Capítulo 2: E se o mar for mais fundo?

Acordei, parece que aquela não foi a minha última noite. Mas, olhando agora ao redor, em oposição à monotonia constante, desta vez, estava em um lugar diferente: uma espécie de palácio diferente de tudo que já vi com meus olhos simplórios. Acho que descobrir o que há dentro dessas dependências é extremamente válido, já que não vivencio novidade alguma faz um longo tempo.

Então, resolvi caminhar ao longo do lugar mais impressionante que já aristei durante minha pífia existência.

Mesmo com a visão turva, dedico-me nessas voltas para conhecer o novo, uma experiência que dá aquele frio na espinha e um ânimo no espírito de modo revigorante. Enfim, ao olhar para os lados, vejo tesouros embaçados compostos por joias — provavelmente raras, que nunca veria em ocasiões comuns. Ao menos estava observando até que essa disposição para o inédito se encobriu por uma sombra imensa que tornou tudo em um breu, fazendo-me olhar para cima e notar: aquele ser imenso estava lá novamente.

No entanto, pela primeira vez, abro-me para ouvi-lo:

— Há décadas não consigo fazer com que um humano me ouça, porque todos que acompanharam sua evolução já sofreram com o mal do século.

— O quê? — questionei-me, quase que inconscientemente.

— O contentamento em fugir de histórias antigas, até mais do que eu. Aquelas que, durante muito tempo, guiaram toda a existência humana e na época atual são tão destratadas, como se não possuíssem relevância alguma. Eu vi de perto todo esse respeito escorrer pelas mãos do meu destino, como as histórias que fazem com que todos nós existamos.

— Todos nós, há outros como você?

— Do mesmo modo que eu e o grandioso Ryugu-jo, esse castelo subaquático estonteante, existimos por conta da crença — a esperança em algo intangível: seres míticos que ultrapassam as compreensões mundanas —, vários outros existem por conta das diferenças de cada agrupamento de indivíduos em sua compreensão do inacessível.

Dessa maneira, surgiu esse oceano baseado em superstições, o que nos faz de fato existir. Esse é nosso lar e é daqui que controlamos individualmente os mares para aqueles que creem em nós, conduzindo-os em concordância com as histórias clássicas que nos dizem respeito.

Não reagi. No primeiro momento em que tive a oportunidade de conversar, por mais que fosse com um “dragão” — eu acho — com aspecto de ancião, não fui capaz de pensar em algo para contrapor sua ideia, para defender todos aqueles que sei que não se deixariam levar. Contudo, não agreguei em nada, apenas me surpreendi com sua veracidade, transmitida por conta de sua aparência carregada de um passado aparentemente grotesco, por olhos que viram bizarrices que nem posso imaginar, por sua voz convecida e por seu semblante imutável. Idealizei sobre o que poderia ter acontecido enquanto estive vagando pelo nada. O que todos, enquanto coletivo, viram que estou tão distante?

Provavelmente ele notou meu cenho incompreensível e continuou:

— Entretanto, esse mar mitológico está em ruína por conta dos pescadores midiáticos do seu mundo de origem. As áreas, destinadas para cada mitologia, estão se acabando e ruindo cada vez mais por conta daqueles abutres que ditam apenas o correto e tiram toda a individualidade de credo. Paulatinamente estamos sumindo e serrindo apenas para o lucro daqueles desalmados que nos sugam ao máximo a fim de se beneficiar monetariamente com conceitos que eram essenciais para as comunidades originárias. Atualmente, tudo pelos mares distantes de sua origem tem uma motivação: a comercialização.

A gama de localismos que abrangiam o mundo em seu estado belo e acolhedor hoje é mitigada a execução constante por conta de sua “insignificância” para esses interesseiros. Quando paramos de monetizar, prendem—nos às traças para lembrarmos que não temos mais relevância: somos apenas passado. Fomos expostos como manobras de capitalização que não necessariamente precisam de propriedade para sermos ilustrados a fim de homogeneizar aqueles que nos dão forças para que tenhamos menor impacto. Não entenda mal, nosso legado nunca será apagado graças à adoração que já obtivemos quando nos entenderam em tempos remotos e até a essa imortalização que aqueles aproveitadores se “ofereceram” para fazer. O que quero dizer é que nossa importância vem sendo contestada e transformada em apenas outro meio para obtenção de lucro. E, dessa forma, nosso aspecto lendário se metamorfoseou em algo desprovido de significado profundo e nos fez infínitos. Assim, meu palácio está desaparecendo, tal qual os lares das sereias nos rios latino—americanos, o farol de esperança dos mares chineses, as turbulências exigentes de respeito que acompanham os oceanos próximos ao Taiti, até mesmo em seu repouso, as marés de uma mãe intercontinental, as águas salgadas das ninfas e mais uma extensão de protetores responsáveis por preservar esse ambiente desconhecido que sempre gerou apreensão para seus iguais: o mar. Por conta disso, estamos, como uma “comunidade” empenhando—nos para alcançar alguém que seja como os outros, mas que ainda não foi corrompido por nunca ter se aproximado dessa tragédia, por isso criamos aquele mar enquanto limbo para buscar alguém como você.

Neste exato instante, tudo mudou, mesmo que não diga nada sobre mim, por me atribuir olhos indagadores que, vergonhosamente, nunca fiz questão de desenvolver. Pelo visto, a vivência comum está em extremo risco, já que a cultura é a base de um povo, então todas juntas deveriam ser a base do mundo — ao menos, é o que penso — enquanto eu estou em uma outra realidade! Certamente algo que excede o ordinário constante que venho vivendo em infinitos mares desconhecidos, o que, infelizmente, não os torna interessantes.

Não consigo pensar em nada profundo, que fuja da mediocridade que acreditava ser irreversível até agora. Vou apenas aceitar bestializado o que ele me diz com tanta convicção e o fato de ele estar me contornando. Deve haver alguma razão para que ele segure essa joia dessa forma, assim como para que esse dragão colossais gire em meu entorno, ele deve querer me apresentar algo. Isso porque tudo compõe um imenso conjunto de destino que conecta esses mundos, levando-nos para algum lugar — anseio que seja para a minha realidade. Enfim, nunca estive tão perdido. Nem mesmo em meio ao vazio onde estive enquanto uma alma que vagava sem significado em meio às maiores belezas que já vi. Não cheguei a conhecer uma motivação, algo que me instigasse em questionar. Eu possuía o mais puro nada, que hoje vi escorrer entre os meus dedos até cair em meio à escuridão. Esse breu se estendeu aos meus olhos e, mais uma vez, vi-me imóvel e realmente esperando que algo extremamente incomum acontecesse.

Capítulo 3: E se nem tudo for tão simples?

Acordei, pelo visto aquilo tudo pode ter sido apenas um sonho, um grande pedido de ajuda do meu cérebro em desespero por alguma aventura. Entretanto, meu corpo já não reage a esse desejo intransigente da minha mente, obstinada que isso vá mudar, de alguma forma, minha realidade. Sonho meu que fosse capaz de transformar essa sensação de incompletude que o discurso daquele ser imaginário deixou em mim. Estremeço só de lembrar aquela frieza e olhar cansado que ele apresentou enquanto dissertava sobre algo que não compreendi.

Até agora não está certo para mim como se desenrola o funcionamento daquele “mundo marítimo”. Claro, já tenho para mim que a “serpente” marinha com a qual eu conversei não é a única de lá e que ela tem vários “amigos”. Contudo, eles realmente se dão bem? Eles se dividem em áreas de influência?

Eles atuam para além daquele planeta fantástico, chegando ao meu originário? Como eles separam, onde cada um usa seus poderes livremente? Esse uso é livre até que ponto?

Incompreensível, no mínimo para meus entendimentos humanos, que nem sei ao certo se condizem mais com a atualidade desse organismo estranho do qual faço parte. Ou constituía, até surgir nesse emaranhado de questionamentos aquáticos da realidade mundana. De qualquer forma, eles devem se estruturar de modo tão complexo, por terem tanto tempo

para se dispor adequadamente, que deve ser algo extraordinário para mim, uma incógnita que nunca quis saber o resultado.

Finalmente, querendo ou não, libertei-me desse peso que me sustentara preso ao chão: essas dividas misturadas ao cansaço de uma vida que aceita qualquer estímulo como válvula de escape. Basta desses devaneios superficiais que não coincidem com a minha vivência! Interesse-me somente em ver como está meu navio e apreciar a vista mais formosa que me apaixonou do início ao fim. Entretanto, mesmo seguro de que estou aqui e é isso o que importa, minha cabeça não escapava da ideia de que ele deve ter razão.

De qualquer forma, fui olhar as ondas se chocando contra meu barco em busca de alguma normalidade — o que é curioso, levando em consideração que estou à deriva sem suporte algum há tanto tempo, de modo que chega até a ser sobrenatural. Não obstante, vi aquela joia que o dragão segurava boiando no meio do oceano. Será que houve alguma coisa? Ou é só a presença de seus poderes?

Enfim, meu barco começou a seguir involuntariamente aquela pedra mágica.

Contrapondo-se ao meu imaginário, esse fragmento de rocha sobrenatural parece ragnar mais sem rumo do que eu. Apenas confio nele por falta de escolha e por uma atração irracional que ele me causa — ou pelo fato de que não consigo mexer no barco desde que despertei, então sou obrigado a aceitar. Enfim, estamos nos aproximando cada vez mais de uns prováveis pescadores, o que sou grato por estar se desenrolando, já que me possibilita sair dessa solidão constante a que estive condicionado.

Enquanto nos aproximamos, mais nervoso fico em relação à interação que poderemos ter, isso porque espero genuinamente que ele seja aberto ao diálogo a ponto de que consiga desenvolver algum tipo de debate interessante. Qual será a opinião popular sobre esse “esquecimento” de lendas milenares que acompanharam o aflorar da racionalidade humana — se é que existe? Será, ainda, que essa marginalização se vê na realidade factual ou aquele monólogo foi banhado por falsidade e exagero?

De qualquer modo, chegamos — ou cheguei. Ouvindo os gritos da embarcação, notei que esse senhor — o pescador que vi ao longe — tem a voz tão áspera quanto a pele, castigada pela falta de cuidado e a longa exposição ao penante sol que deve ter sofrido durante a vida. Definitivamente um homem que seria marcado por essas mudanças que o mar teve em sua composição, mesmo que não em sentido literal. Suponho isso por conta, também, de seu cheiro impregnado de peixe, uma colônia tão forte que deve ter sido nutrido ao longo de uma vida toda em meio às águas salinas que banham tudo.

Invariavelmente, mesmo com as minhas inferências permeando todos os cantos funcionais que me cercavam, não houve monólogo algum. Por conseguinte, iniciei minha sequência talvez pouco lógica de perguntas depois de saudações comuns:

— Os mares para cá estão como? Venho de longe e queria saber se aqui é mais riável de manter a vida.

— Ah, com certeza! Aqui tem bastante daqueles peixes assustadores que dão muito dinheiro, vem gente do mundo todo para cá só por conta deles!

— Peixes? Que peixes são esses?

— Você sabe! Aqueles que falam e balançam as ondas contra nós. Eles, sim, devem ser vendidos para um pessoal que trabalha no adestramento deles para que fiquemos seguros! Parece que eles tiram um feitiço das escamas deles, ou algo assim.

— E que feitiço é esse?

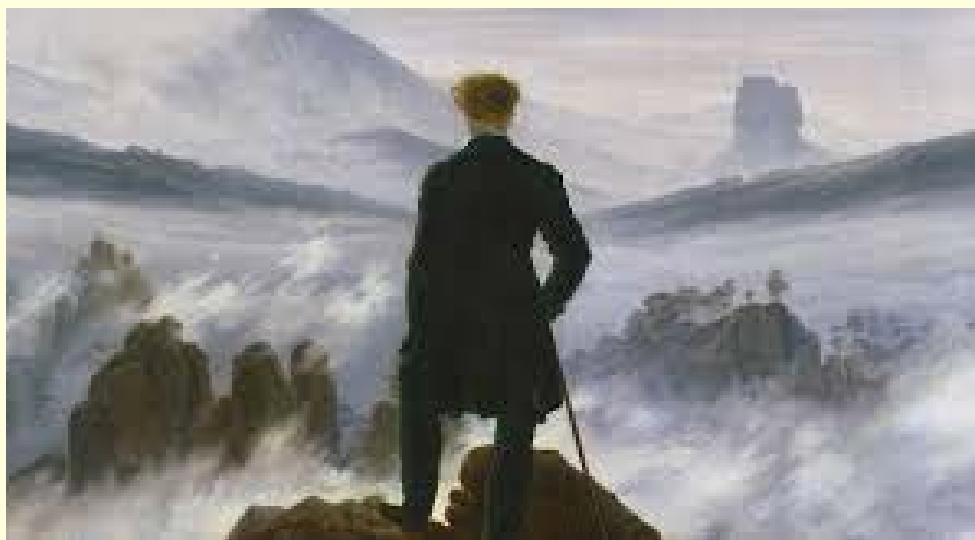
— Olha, acho que se chama “convicção” ou algo semelhante. Parece que eles colocam essa água viscosa que fica neles em frascos e colocam em outras coisas.

— No que eles colocam?

— Pelo que eu fiquei sabendo, eles fazem de tudo: livros, filmes, documentários, séries, qualquer coisa que renda, e colocam um pouco disso para reluzir mais, dar um brilho. Tem até um mercadinho onde vende isso e parece que rende muito! Mas tenho que ir agora, parece que acharam um desses peixes anormais.

Tudo soou meio estranho, parece que esse misticismo que é tão fortemente atrelado a essas lendas que organizam o mar viraram produtos? Para “criar outras coisas”? Por que não se pode manter essas histórias e, mesmo assim, ter essas mercadorias? Temos mesmo que caçar esses formadores do mundo como o conhecemos só por não se encaixarem nessa vida estranha a bordo? E ele realmente vai sair correndo desesperado para matar a história só por algumas moedas? Mesmo que pouco, posso vê-los caçando um tipo de ninfa. Antes, elas anunciaram obstáculos inescapáveis, perigosos e o lado indomável que essas águas carregam. Hoje, as rejeição sendo reprimidas só para gerar um elixir acrílico que

ficará estampado em alguma dessas imagens promocionais desses entretenimentos questionáveis narrados pelo marujo. Portanto, elas são simplificadas até resultarem em algo que não demonstra um pingo da complexidade que originalmente as constitui. No fim das contas, enquanto desintegro formando esse líquido controverso, noto que os desafios que permeiam a rota dos marinheiros da antiguidade hoje em dia são outros.



Caminhante Sobre o Mar e a Névoa — Caspar David Friedrich



Por: Giovanna Malheiros

A Diversidade da Arte

A arte é uma forma de se expressar por meio de diferentes linguagens, como a pintura, a música, a literatura, a escultura, o cinema, a dança e o teatro. Ela varia muito de acordo com a cultura de um povo. Ou seja, dependendo do lugar do mundo, podem existir diferentes tipos de arte. Veja alguns exemplos.

Música: cada região do mundo tem seus próprios estilos musicais. Na África, é comum o uso de muitos tambores e ritmos animados, presentes em celebrações e rituais. Na Europa, a música clássica se destacou com compositores como Beethoven e Mozart. Já nos Estados Unidos, estilos como o jazz e o rock ganharam grande projeção internacional, influenciando artistas do mundo todo.

Pintura e escultura: esses tipos de arte também variam bastante de um país para outro. Na Europa, durante o Renascimento, pintores como Leonardo da Vinci e Michelangelo criaram obras que marcaram a história da arte. Na África, são comuns máscaras com significados religiosos e espirituais. Na Ásia, a arte tradicional pode ser vista em pinturas feitas em seda, em caligrafia chinesa e nas esculturas dos templos budistas.

Dança: a dança é diferente em cada região. O balé é uma dança tradicional europeia, surgida na Itália e desenvolvida na França e na Rússia. Na Espanha, o flamenco é uma dança expressiva e intensa, com palmas, sapateado e canções marcantes. Na Índia, danças clássicas como o Bharatanatyam se destacam. Já em países africanos, danças tribais celebram a comunidade e a espiritualidade.

Teatro: o teatro também apresenta grande diversidade. Na Grécia Antiga, o teatro usava máscaras e encenava histórias trágicas e cômicas. No Japão, o teatro Nô e o Kabuki são formas tradicionais com figurinos elaborados e gestos simbólicos. Na Inglaterra, as peças de William Shakespeare são famosas até hoje, representando dramas e comédias que marcaram a literatura mundial.

Cinema: o cinema reflete a cultura de cada país. Nos Estados Unidos, a indústria de Hollywood é conhecida por grandes produções, efeitos especiais e histórias de aventura ou fantasia. Na França, o cinema valorizou o chamado “cinema de autor”, com obras mais poéticas e introspectivas. Já na Nigéria, a indústria cinematográfica chamada Nollywood cresceu rapidamente e se tornou uma das maiores do mundo em número de produções, com filmes que falam sobre a vida cotidiana.

A arte de cada região revela muito sobre a vida, as crenças e a forma de expressão de uma população. A diversidade cultural está presente em todos os lugares, pois cada povo tem suas próprias tradições, costumes e maneiras de se comunicar. Essa variedade nos ensina a respeitar as diferenças e a entender que todas as culturas do mundo são únicas e importantes.



Pintura da “Commedia dell’arte”

Indicação da prof.ª

Por: Brenda Valadao



“Posso me lembrar de como quando era jovem eu acreditava que a morte era um fenômeno do corpo; agora sei que é apenas uma função da mente – e da mente daqueles que sofrem a perda de alguém.”

A indicação de hoje é de um livro curto, mas denso. Denso por conta dos muitos narradores dessa história, muitos mesmo. O tempo? Vai e volta, como num fluxo de consciência. Portanto, a leitura deve ser atenta. Nesse enredo de 224 páginas, William Faulkner nos faz também agonizar, especialmente, no fim – apenas um personagem se aproxima da felicidade, o que pode nos deixar extremamente angustiados.

Este foi eleito um dos melhores romances em inglês do século XX. Aqui, o autor distancia-se da aristocracia sulista americana para falar de gente comum e humilde, como a família Bundren, que se reúne para cumprir o último desejo da matriarca: ser enterrada em Jefferson, ao lado de seus parentes. O marido e os cinco filhos partem com o caixão determinados a cumprir seu objetivo, sem saber como essa viagem mudaria suas vidas.

Escrito em 1930 – a primeira tradução para o português aconteceu somente 43 anos mais tarde –, a obra carrega toda a genialidade do autor: alterar as vozes para cada personagem narrar seu ponto de vista e, ainda, tecer a trama narrativa sem deixar furos... isso não é para qualquer um. A curiosidade é que Faulkner escreveu esse livro em apenas seis semanas, fato que deixa sua engenhosidade ainda mais evidente. É uma excelente obra para começar a ler esse escritor, visto que é mais linear que suas outras narrativas.

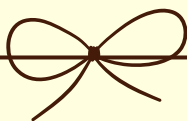
LACÇOS

Por: Brenda Valadão

Chegamos ao fim da primeira edição do nosso Gazeta Sagrado – O jornal feito por alunos!, e sinto uma grande alegria e orgulho por tudo que vi aqui. Cada página, cada artigo, cada fotografia, cada diagramação e cada ilustração evidencia o quão talentosa e dedicada essa equipe é. Vocês se empenharam de verdade nesta edição, e o resultado ficou sensacional!

Mais do que textos ou desenhos, o que realmente percebi foi uma variedade de perspectivas, expondo a riqueza do olhar de cada um. Cada ideia, com sua nuance acrescentada, recorda-nos que a contribuição individual é essencial para guiar e enriquecer o nosso mundo. Vocês demonstraram, de um jeito belíssimo, a autenticidade de cada voz na construção de um trabalho em equipe.

Que esta edição seja apenas o prelúdio de um ano repleto de novas descobertas e mais criações admiráveis. Saibam que este é um espaço concebido para acolher e impulsionar suas ideias a florescerem e serem ouvidas. Podem contar sempre com o meu apoio e a minha orientação para dar prosseguimento a este projeto.



Nossa equipe

Luisa Sakamoto — Editora-chefe
Brenda Valadao — Professora orientadora
Francisco Costa — Redator
Gustavo Afres — Redator
Bernardo Farias — Redator
Luciana Lopes — Resenhista
Alessia Monrado — Repórter
Lucas Medeiros — Repórter
Eduardo Loubach — Colunista
Liz Fernandes — Colunista
Tessa Leandro — Repórter
Nina Cox — Escritora literária e repórter
Sophia Barbalho — Escritora literária
Gioranna Malheiros — Redatora
Tiago Cunha — Repórter
Laura Huber — Repórter
Miguel Lopes — Ilustrador
Yasmin Mell — Colunista
Ana Lara Braga — Responsável pelo
GazetaCast
João Paulo Nascimento — Diagramador

Nossa Equipe

Helena Braga — Ilustradora

David Barreto — Editor

Henrique Machado — Fotógrafo / Mídias

Lucas Lopes — Fotógrafo

Luís Miguel da Cunha — Editor de vídeos

Rafaela Cardoso — Reporter

Sofia Magalhães — Reporter de redes sociais

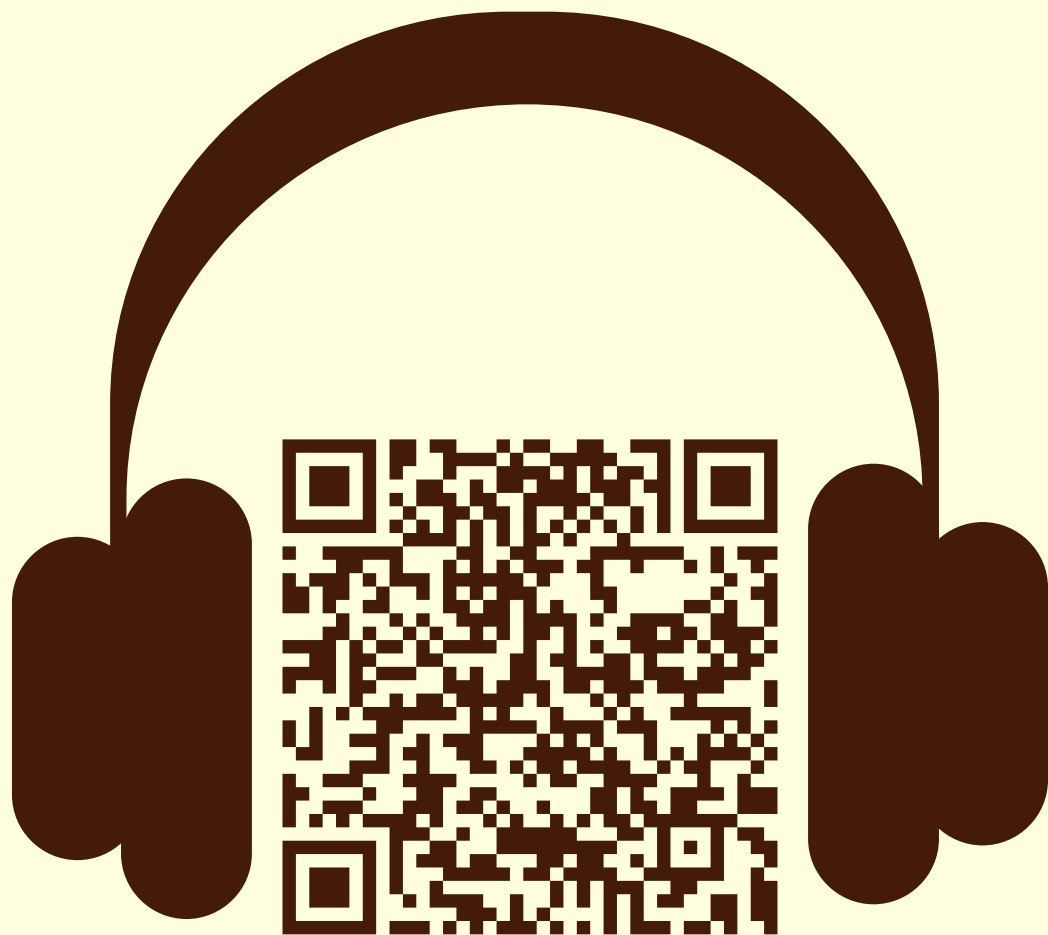
Clarice Gonçalves — Reporter de redes sociais

Maria Luiza Costa — Reporter / Ilustradora

Sophia Freitas — Ilustradora

Mariana Montes — Redatora

**Ouçá também, no Spotify, o
nosso podcast!**



Rede Sagrado
**COLÉGIO SAGRADO
CORÇÃO DE MARIA**
Sacré-Coeur de Marie

GAZETA 
SAGRADO

46